

2ª Conferência Internacional sobre a Língua Portuguesa traça Plano de Ação de Lisboa

Pág. 2



XI mostraportuguesa

**São Tomé
e Príncipe**
Projeto Escola+
objeto
de avaliação

Pág. 3

Coreia do Sul
Três exposições
portuguesas
em museu
desenhado
por Siza

Pág. 4



2ª Conferência sobre a Língua Portuguesa traça Plano de Ação de Lisboa

«A afirmação da língua portuguesa como idioma da ciência e da inovação é a principal novidade trazida pelo Plano de Ação de Lisboa (PALis), cuja definição saiu do segmento técnico diplomático da 2ª Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, que se realizou em Lisboa de 29 de outubro a 1 de novembro de 2013, sob a égide da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O primeiro segmento da reunião, organizado a 29 e 30 de outubro pelo Camões, IP e por um consórcio de universidades portuguesas e realizado na Universidade de Lisboa, contou com cerca de 300 participantes, académicos e representantes da sociedade civil dos países de língua portuguesa e de inúmeras comunidades de língua portuguesa em todo o mundo, que fizeram um conjunto de propostas acolhidas no documento finalizado pelos técnicos e diplomatas dos oito países membros da CPLP.

Ainda não divulgado oficialmente, o PALis, que se vem juntar ao Plano de Ação de Brasília (PAB), resultante da 1ª conferência, em 2010, será apresentado ao Comité de Concertação Permanente da CPLP, a 25 de novembro, em Lisboa, com vista a ser submetido ao Conselho de

Ministros da organização antes de ser aprovado pela cimeira da CPLP, que deverá ter lugar em 2014, em Dili.

O português como língua da ciência e inovação compreende um «conjunto de medidas novas para valorizar a utilização da língua portuguesa no mundo», afirmou na conferência de imprensa de encerramento o embaixador Rui Aleixo, representante do Governo português que presidiu aos trabalhos do 2º segmento. O diplomata garantiu que o documento de Lisboa reflete «algumas das conclusões do 1º segmento, aquilo que a sociedade civil entende que deve ser considerado neste documento». Ao todo, o 1º segmento realizou três conferências plenárias, 7 reuniões temáticas com especialistas convidados e 16 sessões de comunicações livres, que produziram 11 propostas distribuídas por 4 temas, embora a formulação de mais propostas fosse esperada ainda para depois do termo da conferência, segundo indicou no último dia de trabalhos o Presidente da Comissão Científica, Ivo de Castro, professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa.

Rui Aleixo, que estava acompanhado na conferência de imprensa pela Presidente do Camões, IP, e Presidente da Comissão Organizadora, Ana Paula Laborinho,

e pelo diretor executivo do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), Gilvan Müller de Oliveira, enunciou (sem entrar em pormenores) os restantes quatro eixos do PALis: «a língua como fator de relevância na economia criativa», «a língua portuguesa nas comunidades das diásporas» – pondo à disposição das diásporas dos países da CPLP professores e materiais didáticos, de forma a permitir «um ensino com uma qualidade assegurada» – e «a utilização do português pelas organizações internacionais», um dos temas principais da 1ª Conferência de Brasília.

Um último eixo do plano é «o ensino da língua portuguesa a falantes de outras línguas», em que avulta a criação de um sistema único de certificação internacional de competências linguísticas em língua portuguesa, considerado «essencial» pelo secretário executivo da CPLP, o embaixador moçambicano Murade Murargy, que falava na sua intervenção de abertura da conferência. À imprensa, Ana Paula Laborinho indicou que o PALis inclui uma referência à concertação sobre essa matéria, mas sublinhou que «não basta dizer 'queremos'». «Há todo um longo trabalho de estudo prévio. Nem basta a negociação, é preciso sobretudo saber que instrumentos» os países têm para o efeito.

PORTAL PARA PROFESSORES

Na abertura da conferência, o Presidente da Comissão Científica sublinhou o caráter académico da reunião, lembrando que os participantes, ou foram convidados a intervir sobre um tema específico, ou viram as suas comunicações livres sujeitas a arbitragem pelo órgão a que presidiu, constituída por académicos de todos os países da CPLP, e garantia da qualidade científica das comunicações apresentadas, algumas das quais poderão vir a ser divulgadas na página web da Conferência.

A conferência procedeu logo no seu primeiro dia à avaliação do grau de implementação do PAB, que estabeleceu seis áreas para garantir um dos três pilares constitutivos da comunidade – a promoção e difusão da língua portuguesa (os outros pilares são a concertação política e a cooperação económica), uma tarefa em que, como repetiu Ana Paula Laborinho, «há muito caminho para fazer».

«Não se esteve parado» nos últimos três anos, disse Ana Paula Laborinho, que sublinhou o desempenho, nem sempre mediático, mas não menos importante, do IILP na aplicação do PAB. O IILP assumiu, ao longo dos últimos três anos, o papel de juntar análises, coligir elementos e promover colóquios em cada uma das áreas, para além de realizar e promover o trabalho no âmbito dos vocabulários ortográficos e da criação do Portal do Professor de Português Língua Estrangeira, ações «reveladoras daquilo que os países podem fazer em conjunto».

O portal criado pelo IILP (organismo da CPLP), foi aliás apresentado na conferência de Lisboa – uma plataforma na Internet, destinada a professores de português como língua

estrangeira, que já está disponível (<http://www.ppple.org/>). Reúne 150 unidades didáticas de Angola, Brasil, Moçambique e Portugal, que chegarão a 730 quando estiver concluído, em julho de 2014. Segundo o diretor executivo do IILP, pela primeira vez, os países da CPLP «consensualizaram uma metodologia para o ensino de português como língua estrangeira».

Outro dos projetos decorrentes do PAB apresentados em Lisboa foi o Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa, resultante da organização de três vocabulários ortográficos nacionais (do Brasil, de Portugal e de Moçambique), o que acontece pela primeira vez em cada um destes países, segundo explicou Gilvan Müller Oliveira, que destacou o facto de o projeto ter sido financiado pela primeira vez por um país africano de língua oficial portuguesa, Angola.

Na palestra inaugural da conferência, o ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação de Cabo Verde, António Correia e Silva, destacou a necessidade de articular a diversidade dos falantes da língua portuguesa, mesmo fora do espaço lusófono, para projetar o português nos próximos tempos como língua planetária.

Destacando a importância do PAB, Ana Paula Laborinho explicou que foi na reunião de Brasília que, «pela primeira vez», surgiu «uma consciência em relação à situação do português no sistema mundial», se traçaram orientações e se estabeleceram ações conjuntas.

Falado por 244 milhões de pessoas em todo o mundo, o português é a 6ª língua mais falada do globo, a 5ª mais usada na Internet e a 3ª nas redes sociais Facebook e Twitter. A conferência, aliás, pôde ser seguida em direto na Internet e foi possível colocar questões aos conferencistas através do Twitter (#falarportugues), resultado da opção de organizar uma reunião «amplamente participada», segundo declarou a Presidente do Camões, IP. «Com pouco recurso ao papel», a conferência distribuiu a maior parte dos seus documentos em suporte digital e disponibilizou-os no seu portal, a que podia aceder-se, no próprio espaço da conferência, através da rede sem fios da Universidade de Lisboa.

A conferência contou ainda com um programa cultural paralelo, com momentos de debate literário ou de leitura de poesia por Natália Luiza, na Casa Fernando Pessoa, e um espetáculo musical no Convento do Beato, produzido pela RTP, apresentado por Catarina Furtado e com duetos inéditos entre cantores do espaço lusófono, transmitido por todo o mundo pela RTP1, RTP Internacional e RTP África. A conferência promoveu ainda exposições e três artistas urbanos – Nark, Youth One e Nomen – dedicaram à língua portuguesa a pintura de um mural na zona de Telheiras, em Lisboa.

São Tomé e Príncipe Projeto Escola+ objeto de avaliação



❖ O projeto Escola+, desenvolvido desde 2009/2010 em São Tomé e Príncipe (STP) pela ONG Instituto Marquês de Vale Flor, em parceria com o Ministério da Educação daquele país africano, que em 2012/2013 chega ao seu termo, e que recebeu financiamentos da Cooperação Portuguesa num total de 4,847 milhões de euros, «foi muito favorável» ao Ensino Secundário (ES) santomense a que se destinava.

Mas, como se depreende das declarações de Manuela Malheiro Dias, a professora da Universidade Aberta (UAb), entidade responsável pela avaliação, o projeto precisa de uma 2ª fase que garanta melhor a «sustentabilidade das inovações introduzidas».

O setor da educação tem sido uma das prioridades setoriais do Programa Indicativo de Cooperação (PIC) 2008-2011 da Cooperação Portuguesa com STP, ainda em vigor, e o Escola+ teve como objetivo específico «fomentar o ensino da língua portuguesa através do reforço do ensino secundário em STP». Nas intenções dos seus promotores, apostou numa «lógica de formação e capacitação dos professores santomenses em detrimento de uma lógica de lecionação direta» e atuou sobre os currículos e manuais escolares, as condições de trabalho, a capacidade de gestão e o parque escolar físico. Quatro foram os eixos principais de atuação do Escola+ objeto de avaliação pela equipa do CEMRI: parque escolar melhorado e reforçado; competências técnicas dos professores; capacidade

de gestão e acompanhamento reforçada; sistema de ensino mais adaptado às necessidades do país.

PARQUE ESCOLAR

Para cada um destes eixos, Manuela Malheiro Dias traça um balanço positivo, mas não deixa de referir as questões que se levantaram e levantam à sua plena concretização.

A melhoria e reforço do parque escolar traduziu-se fundamentalmente na reabilitação e equipamento do Liceu Nacional de STP, enquanto «símbolo» visível do próprio projeto, no dizer da avaliadora. Não foram só pinturas, portas, janelas e instalações sanitárias novas. Foram também equipamentos vários, uma biblioteca e um grande centro de formação de professores no Liceu Nacional, o KE MESE, com sala de reuniões, centro de recursos, computadores e impressoras, acessíveis a todos os professores do país. «O liceu ficou em boas condições, em detrimento do resto das escolas em que não foi possível fazer essas obras de vulto», afirma a avaliadora. Com a dimensão financeira do projeto, não era possível reabilitar todas as 8 escolas secundárias de STP. E o crescimento do número de estudantes e de escolas (mais 4) do ES em STP, durante os 4 anos do projeto, trouxe mais exigências.

As intervenções no restante parque escolar resultaram em boa medida do facto de um dos objetivos ser o desenvolvimento em STP do Ensino Profissional (EP), nos 1º (8ª e 9ª classes) e 2º (10ª, 11ª e 12ª classes) ciclos do secundário. Foi preciso construir ou adaptar oficinas e salas dedicadas e dotá-las de equipamento e materiais. A própria

reforma curricular incluiu novas disciplinas, como Educação Física, que obrigaram à construção ou reabilitação de recintos desportivos dotados de balizas, bolas, e mesmo balneários em certas escolas. E também o reforço da capacidade de gestão das escolas contemplou melhorias nos equipamentos das secretarias para assegurar uma melhor administração escolar.

«O projeto teve um papel importante neste parque escolar melhorado e reforçado, mas há escolas que continuam a ter insuficiência de salas de aula e que não têm instalações sanitárias funcionais», sintetiza Manuela Malheiro Dias, para quem o governo de STP e o seu Ministério da Educação terão de procurar outros doadores para prosseguir a reabilitação física das escolas.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A melhoria das competências técnicas dos professores santomenses do ES – o 2º eixo do projeto – esteve a cargo de uma vintena de professores cooperantes portugueses e 4 professores santomenses. A coordenadora destaca o «grande papel» e o empenhamento dos professores cooperantes portugueses, todos com estágio, que foram coordenar e ministrar formação, em vez da antiga abordagem de lecionar diretamente os alunos. «Era uma tarefa muito difícil para esta gente jovem», afirma, até porque, diz, «uma coisa é ter feito o estágio, outra é ser formador».

Assim, os avaliadores aconselham a que seja dada formação aos professores cooperantes para se tornarem formadores e possam ajudar mais eficientemente os professores santomenses, que apresentam carências de formação inicial. A avaliadora refere que muitos destes não têm licenciatura, nem bacharelato, havendo mesmo alguns apenas com o 12º ou o 11º ano. O problema poderá estar no facto de, existindo em STP um estatuto do professor, ele não ter sido regulamentado e, portanto, os professores não terem uma carreira. Em resultado, diz Manuela Malheiro Dias, «as pessoas que são licenciadas não são atraídas para o ensino e vão, por exemplo, para bancos, empresas». A alteração desta situação depende, em seu entender, do governo de São Tomé e Príncipe.

Os professores cooperantes portugueses, de quase todas as áreas disciplinares, que foram e vão às escolas ajudar os professores santomenses, tiveram também um papel no processo de revisão curricular.

ADAPTAÇÃO ÀS NECESSIDADES DO PAÍS

A criação de «um sistema de ensino mais adaptado às necessidades do país» foi o alvo do 4º eixo do projeto Escola+ e a revisão curricular um dos seus aspetos. Além dos professores cooperantes, participaram também peritos indicados pelo Ministério da Educação de Portugal. «Há alguns currículos mais adaptados à realidade de São Tomé e Príncipe do que outros», mas também há disciplinas mais fáceis de adaptar do que outras, afirma a avaliadora. Se Matemática e Física «são mais universais», em História ou Português é necessário «mais cuidado».

A revisão curricular foi acompanhada pela produção de textos de apoio, em vez da edição de manuais, inicialmente pensada. A limitação de verbas ditou essa opção, mas das palavras da coordenadora da avaliação resulta que foi uma medida positiva. Explica ela que «os textos de apoio, que são encadernados, têm uma vantagem: são policopiados nas escolas e são acessíveis em preço aos alunos». A qualidade não foi avaliada, mas não se verificaram queixas acerca dela. E possibilita às escolas arranjar algumas verbas para fornecerem os textos de apoio aos alunos mais carenciados. «Foi uma medida eficiente», resume.

ENSINO PROFISSIONAL

Além da revisão dos currículos, que não foram objeto da avaliação, a adaptação do ES às necessidades do país materializou-se na expansão do ensino profissionalizante – introduzido quando do anterior Programa de Apoio ao Ensino Secundário (PAES), também da responsabilidade da Cooperação Portuguesa –, reconhecidamente «uma das maiores valências» do Escola+. O projeto introduziu no 1º ciclo do ES, nas escolas de Bombom, Neves, Santana e de Santo António do Príncipe, os cursos de educação profissional de costura/alfaiataria, carpintaria/marcenaria e informática. No 2º ciclo, a oferta dos chamados Cursos Secundários Profissionalmente Qualificantes (CSPQ), no Liceu Nacional, passou a contar com Desporto, Informática, Gestão, Administração e Contabilidade, Turismo, Comunicação Social, Humanísticas/Direito e Tecnologias Industriais.

Para os avaliadores, «há uma necessidade muito grande de continuar a desenvolver o Ensino Profissional», para que STP possa expandir a sua economia. «No que respeita ao 2º ciclo, os empregadores estavam contentes com a formação das pessoas que depois iam trabalhar nas suas empresas», afirma Manuela Malheiro Dias.

Mas surgem várias preocupações. Poucos alunos são abrangidos por esta via de ensino (30 alunos por escola, o que segundo a coordenadora «é muito pouco»); ao nível do 1º ciclo só há

4 escolas envolvidas e, no 2º ciclo, o ensino profissionalizante está concentrado no Liceu Nacional. A falta de sala de aulas levou a que no ano passado alguns cursos do 1º ciclo não tivessem aberto, refere a avaliadora.

O relatório aponta os esforços visando a sustentabilidade do ensino profissionalizante, sublinhando que nos CSPQ, «tanto nas disciplinas de formação geral como nas específicas e nas tecnológicas, a grande maioria dos professores é santomense». Contudo avisa que o facto de não terem sido iniciadas novas turmas em 2012/2013 e a consequente «não continuidade da inserção de alunos encaminha o processo no sentido da perda de sustentabilidade». Por isso, os avaliadores recomendam uma 2ª fase do Escola+, nomeadamente para apoio ao ensino profissionalizante. «É preciso continuar a apostar no Ensino Profissional».

GESTÃO

E ACOMPANHAMENTO

O 3º eixo relativo ao reforço da capacidade de gestão e acompanhamento das escolas do ES «também foi um sucesso», na avaliação de Manuela Malheiro Dias. A intervenção do Escola+ neste domínio, que apresentava diversas carências, fez-se por duas vias, que se traduziram na aprovação em 2010 de um despacho pelo Governo santomense relativo à organização e gestão das escolas secundárias, estabelecendo os quadros de referência e as estruturas administrativas e pedagógicas (direção, conselho pedagógico, conselho administrativo e assembleia de escola), e pela formação dos elementos ligados às tarefas de gestão. A formação foi ministrada a 3 pessoas de cada uma das 8 escolas envolvidas no Escola+. Geralmente o diretor, um subdiretor e o chefe dos serviços administrativos.

O processo de reforço das capacidades de gestão está em «progressão», no dizer dos avaliadores. Algumas escolas têm todas as estruturas previstas, outras ainda não. As dificuldades surgiram do facto de, entretanto, ter havido alterações nas direções das escolas e de mais 6 escolas passarem a ter ensino secundário. «Neste momento é preciso mais formação», considera Manuela Malheiro Dias.

Para a coordenadora da equipa de avaliação do Escola+, não há dúvida que o projeto foi «extremamente positivo», mas para o seu completo sucesso é preciso que o governo santomense se aproprie de todo o processo e tente resolver os aspetos que ultrapassam o próprio Escola+. E uma 2ª fase do projeto deve focar-se naqueles aspetos em que a avaliação considera haver ainda lacunas.

O relatório encontra-se disponível no site do Camões, IP.

Coreia do Sul Três exposições portuguesas em museu desenhado por Siza



Museu Mimesis, em Paju, na Coreia do Sul, edifício de Álvaro Siza, Carlos Castanheira e Jun Sung Kim, selecionado para integrar a exposição *Porto Poetic*

Três exposições portuguesas ocuparão o Mimesis Art Museum (desenhado por Álvaro Siza Vieira), em Paju Book City, de 26 de novembro a 9 de fevereiro, marcando também o início da programação regular daquele Museu. As exposições contam com o apoio da Embaixada de Portugal em Seul e do Camões, IP.

Santo António, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, inclui uma vídeo-instalação de João Pedro Rodrigues, elaborada a partir de imagens recolhidas, na sua maioria, durante a rodagem da sua curta-metragem *Manhã de Santo António* (2012) e uma seleção de 85 desenhos de João Rui Guerra da Mata. É a primeira exposição dos dois realizadores, concebida propositadamente para o espaço do Mimesis Art Museum.

Merging Aesthetics, de Mário Lopes, inclui escultura em pedra, pintura e tapeçaria de um artista cuja formação passou também pela Ásia (Coreia e Japão) e que, nos diferentes materiais com que trabalha, se assume sempre como escultor, procurando a tridimensionalidade de um espaço em que diferentes experiências e geografias se harmonizam ou contraponham.

A exposição *Tradition is Innovation*, que representou Portugal na 9ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, em 2011, apresenta, no formato de vídeo-entrevista, 15 projetos construídos nos últimos anos pelos ateliês de João Ventura Trindade, Ricardo Carvalho e Joana Vilhena, Ricardo Bak Gordon, João Luís Carrilho da Graça, Manuel Aires Mateus, Inês Vieira da Silva e Miguel Vieira, Nuno Brandão Costa e Eduardo Souto de Moura, que refletem um contexto político, económico e geográfico particular.

Comissariada pelos arquitetos Gonçalo Baptista e Yutaka Shiki, a exposição pretende apresentar um ponto de vista sobre o presente e futuro da arquitetura portuguesa, ilustrando o processo criativo e o pensamento crítico dos arquitetos representados.

6ª Edição da Exposição World Press Photo em Luanda.



Pelo sexto ano consecutivo em Luanda, a exposição da World Press Photo estará patente no Centro Cultural Português, de 22 de novembro a 15 de dezembro. Seguindo a prática anterior, serão apresentados ao público os trabalhos vencedores deste concurso anual, organizado a nível mundial, numa mostra do que melhor se faz no domínio do fotojornalismo.

Os trabalhos apresentados a concurso foram avaliados por um júri internacional, que em 2012 apreciou 103.481 obras, produzidas por 5.666 fotógrafos, provenientes de 124 países.

A World Press Photo, organizada pela Fundação holandesa com o mesmo nome, é uma exposição itinerante que, anualmente, percorre 100 cidades de múltiplos países divulgando o fotojornalismo praticado a nível mundial nas nove categorias temáticas premiadas no concurso.

Mostra Portuguesa em Espanha E vão 11...



Rodrigo Leão e Gabriel Gomes (em cima) e Esperanza Fernández (à direita)

Quando não seria de espantar que a crise lhe baixasse os braços, a Mostra Portuguesa (MP) em Espanha saiu mais uma vez à rua neste mês de novembro. Na sua 11ª edição, a MP mantém-se fiel a si mesma e apresenta ao público espanhol «o reflexo panorâmico do pulsar cultural luso», como prometem os seus organizadores – a Embaixada de Portugal em Madrid e o Camões, IP.

A MP tem um extenso currículo de presenças relevantes, tendo contado com nomes de escritores como José Saramago ou António Lobo Antunes, arquitetos como Eduardo Souto de Moura, fadistas e cantores como Katia Guerreiro, Mariza, Carlos do Carmo, Camané, Mísia ou João Afonso, cineastas da dimensão de Manoel de Oliveira, ou artistas plásticos como Helena Almeida e Paula Rego.

Música, literatura, cinema, arte, arquitetura e ideias compõem o programa, que se estende em 2013 por seis cidades espanholas – Madrid, o palco principal, Barcelona, Segóvia, Oviedo, Santiago de Compostela e Sevilha.

Dois momentos que envolvem música e literatura são destacados pelos organizadores do conjunto da programação. O primeiro é a apresentação a 18 de novembro, no Teatro Fernando de Rojas (Círculo de Bellas Artes) de Madrid, do espetáculo *Entre Nós e as Palavras*, do grupo *Os Poetas*, constituído pelos músicos Rodrigo Leão e Gabriel Gomes, o primeiro presença recorrente na mostra anual da cultura portuguesa em Espanha. Em 1997, *Os Poetas* surpreenderam ao aproximarem teclados, acordeão e vozes gravadas de poetas como



Herberto Helder, Luísa Neto Jorge e Mário Cesariny. Agora, adaptam de novo Cesariny e acrescentam textos de Adília Lopes, Al Berto e António Ramos Rosa.

O outro momento da MP, no Teatro Fernán Gómez, em Madrid, a 26 de novembro, é o espetáculo *Mí voz en tu palabra*, da cantora de flamenco Esperanza Fernández, cujas canções «assentam na poderosa forma poética» de José Saramago, «muito menos divulgada que a literária».

A programação musical apresenta ainda o jazz singular de Jacinta (21/11) e o fado de Cuca Roseta (27/11), que atuará igualmente no festival *Noches de Fado. Divas*, de Oviedo, no âmbito da Mostra, a 18 de novembro, juntamente com a fadista Cristina Branco, que o fará três dias antes (15/11).

Na programação da MP, a literatura contará a 19 de novembro com um encontro sobre Fernando Pessoa, coincidindo com a reedição do *Livro do Desassossego* (Ed. Acantilado), do heterónimo

Bernardo Soares, sobre o qual falarão os especialistas espanhóis na obra de Pessoa, Perfecto E. Cuadrado e José Blanco, numa sessão moderada pela escritora Mercedes Monmany. As Jornadas sobre literatura em língua portuguesa programadas para o Auditório da Biblioteca Vapor Badia de Sabadell (Barcelona) completam esta secção.

As artes plásticas estarão presentes na MP com a exposição *En el Umbral de la Modernidad. Domingos Sequeira Un Pintor Portugués*, dedicada ao «Goya luso», patente até fevereiro no Museu do Romantismo, de Madrid, numa colaboração com o Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa.

No contexto da Trienal de Arquitetura de Lisboa – Close Closer, apresentou-se a 4 de novembro na Roca Madrid Gallery o projeto *Performingarchitecture*, compreendendo três projetos concebidos por Luís Úrculo, o coletivo PKMN e Pedro Bandeira, que serão desenvolvidos e analisados num ‘Saloon Talk’, em que se dialogará sobre a expansão do campo de ação da arquitetura contemporânea e das fronteiras entre arquitetura e arte.

A MP colabora mais um ano com o Encontro BID – a plataforma de debate e coordenação da comunidade ibero-americana de centros de ensino de design – através da Mostra de Estudantes 2013 *bid_est* (27–29), em que participam oito estudantes das universidades do Porto e Aveiro, assim como os investigadores Heitor Alvelos e Vasco Branco.

O foco ibero-americano prolonga-se pelo simpósio internacional *Presente y futuro del pensamiento iberoamericano*, organizado a 13 de novembro na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autónoma de Madrid, com a presença de Pedro Calafate, Gemma Gordo Piñar e Aureliano Ortega Esquivel.

A MP sempre deu realce ao cinema e este ano estabelece colaborações com três certames de referência: o Festival Cineuropa (Santiago de Compostela, 7 a 29/11); MUCES – Muestra de Cine Europeo Ciudad de Segovia (seção oficial/ ciclo *Saramago y el cine / Retrospectiva*, de 13 a 19/11); e o Festival de Cine Europeo de Sevilla, que tem Portugal como país convidado (de 8 a 16/11).



Camões, IP

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlencarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Margarida Duarte
COLABORAÇÃO Carlos Lobato